

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Irã desafia 'Dia D econômico' imposto pelos Estados Unidos

Governo iraniano ameaça países que aderirem à campanha com sanções

/ ORIENTE MÉDIO

O Irã desafiou a ameaça dos Estados Unidos de ampliar a pressão econômica sobre Teerã e alertou que países que aderirem à campanha de Washington poderão sofrer consequências.

Na véspera, o secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, publicou um artigo no jornal Financial Times que dizia que o país estava colocando em prática "a maior ofensiva financeira já organizada contra um adversário" e classificou a iniciativa como um "Dia D econômico".

Bessent irá detalhar as novas sanções americanas contra o regime persa. No X, afirmou que a medida ocorria depois que os EUA "desmantelaram as capacidades militares do Irã, destruíram quase 100% de suas fábricas militares e enterraram seu programa nuclear".

Em resposta, o vice-chanceler Kazem Gharibabadi afirmou que a narrativa não faz sentido. "Vocês dizem que o poder militar do Irã foi desmantelado, que 100% de suas fábricas militares foram destruídas e que seu programa nuclear foi enterrado", afirmou.

No entanto, acrescentou, a ação contra o Irã exige a mobilização de "todas as instituições e poderes" de Washington. "Isso é uma vitória ou o reconhecimento da derrota dos EUA?", questionou.

O Ministério das Relações Exteriores iraniano também alertou os países para que se abstivessem de aderir à campanha econômica dos EUA.



Bessent disse que aplicaria maior ofensiva financeira contra um adversário

"As advertências necessárias foram feitas, porque qualquer cumplicidade com os EUA na execução de suas ações agressivas contra o Irã certamente terá suas próprias consequências", declarou o porta-voz Esmail Baghaei.

No domingo, o chefe do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã, Mohsen Rezai, havia alertado que qualquer país que aderisse à guerra econômica lançada por Washington seria considerado "inimigo".

Na semana passada, Donald Trump anunciou que Washington aumentaria a pressão econômica sobre o Irã "a uma escala sem precedentes". Os EUA instaram outros governos, incluindo a China, a aderirem aos esforços para isolar ainda mais a economia iraniana.

Teerã enfrenta sanções americanas e internacionais desde a Revolução Islâmica de 1979.

O Irã afirmou nesta segun-

da ter incluído 45 petroleiros em uma lista de embarcações proibidas de atravessar o Estreito de Ormuz por violarem suas regras. O regime também disse que tomará medidas contra navios que transferirem cargas para ou a partir dessas embarcações, elevando a tensão em torno da rota marítima.

A Autoridade do Estreito do Golfo Pérsico orientou os proprietários de cargas a consultar uma lista atualizada de embarcações consideradas irregulares. Segundo o órgão, os navios que quisessem ser retirados da relação deverão apresentar um pedido às autoridades marítimas iranianas.

A reabertura do estreito tornou-se uma prioridade para os EUA, mas Teerã insiste que ele permanecerá fechado até que Washington suspenda o bloqueio naval aos portos iranianos, elimine as sanções ao petróleo e descongele os ativos iranianos no exterior.

Vance acusa Canadá de beneficiar produtos da China

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance, acusou, durante comentários a repórteres em evento no Maine, nesta segunda-feira, o Canadá de tratar produtos da China "de maneira mais justa" do que trata produtos norte-americanos. Ele acrescentou que, sem a ajuda de Washington, o vizinho dos EUA estaria "susceptível" a invasões militares.

Vance afirmou que "há anos" o Canadá e a China têm

sido os "piores países" para parceria em políticas comerciais.

Segundo ele, Ottawa está servindo como "porta dos fundos" para que os produtos chineses entrem nos EUA e contornem taxações americanas. "Eles canadenses também aplicam tarifas ridículas em estados americanos como o Maine e dificultam a entrada dos nossos agricultores, mas não pagam nada em troca para vender seus produtos aqui", frisou.

Vance ainda acusou o Canadá de apresentar "demandas ir-

razoáveis" no último minuto das negociações. "Eu acreditei que tínhamos um acordo, e deveríamos ter um. As conversas vão continuar. Mas, nesse momento, estamos mandando uma mensagem a eles sobre o que acreditamos ser justo", afirmou.

O vice-presidente dos Estados Unidos criticou o vizinho norte-americano por não "investir o suficiente" em defesa por anos e "depender da proteção" dos EUA. Segundo ele, sem ajuda, os canadenses estão "muito suscetíveis" a invasões.

Premiê britânico visita Ucrânia com plano para apoiar produção de mísseis

/ GUERRA DA UCRÂNIA

O primeiro-ministro do Reino Unido, Andy Burnham, visitou ontem a Ucrânia, em sua primeira viagem ao exterior desde que assumiu o cargo. O premiê deve anunciar um plano para Kiev aprimorar a produção nacional de mísseis de longo alcance. Burnham vai presidir em Kiev sua primeira reunião da coalizão dos dispostos, grupo de países que apoia a Ucrânia. O primeiro-ministro vai receber uma premiação pelo apoio do Reino Unido.

A visita do primeiro-ministro britânico ocorre algumas semanas depois de receber o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, no Reino Unido em julho, como seu primeiro convidado internacional.

Em visita ao país no Dia da Independência, Burnham dirá ao povo ucraniano que o Reino Unido apoia incondicionalmente a independência da Ucrânia e que as ameaças da Rússia apenas reforçam a determinação do Reino Unido. O primeiro-ministro deverá anunciar que o governo britânico concordou que a empresa de defesa MBDA compartilhará informa-

ções confidenciais sobre componentes britânicos para o míssil de longo alcance SCALP.

O míssil é a versão francesa do Storm Shadow britânico, sendo que ambos utilizam tecnologia franco-britânica em comum.

A medida surge na sequência do Reino Unido ter sido o primeiro país a doar armas de ataque de longo alcance para fins defensivos à Ucrânia em 2023 e permitirá que franceses e ucranianos avancem com a montagem do míssil na Ucrânia.

O Reino Unido tem sido um dos principais parceiros da Ucrânia desde o início da invasão em grande escala da Rússia, fornecendo uma série de apoios militares, econômicos e diplomáticos, alicerçados na Parceria de 100 Anos entre o Reino Unido e a Ucrânia.

Isso inclui liderar os esforços para garantir a segurança de longo prazo da Ucrânia ao lado da França, como copresidentes da Coalizão dos Dispostos, e comprometer-se com um financiamento de 25 bilhões de libras, incluindo 16 bilhões de libras em assistência militar e 5,6 bilhões de libras em apoio não militar.

EUA revogam classificação da Síria como apoiadora do terrorismo

/ SÍRIA

Os Estados Unidos retiraram a Síria da lista de países que apoiam o terrorismo internacional, revogando uma classificação de longa data que havia prejudicado severamente os investimentos. O processo começou em julho, quando o governo notificou o Congresso americano sobre a intenção. Os parlamentares tiveram 45 dias para analisar a revisão da decisão.

O Departamento de Estado dos EUA também revogou a classificação da Frente al-Nusra como organização terrorista global especialmente designada, com o Departamento do Tesouro procedendo ao alívio das sanções.

A Síria estava na lista desde 1979, há mais tempo do que qualquer outra nação. Durante o período, o país foi governado por Hafez Al-Assad e Bashar Al-Assad, pai e filho, até que a ditadura familiar foi derrubada em 2024 após 13 anos de guerra civil no país.

A Síria é atualmente comandada por Ahmed Al-Sharaa, que assumiu o cargo de presidente em dezembro de 2024. Al-Sharaa já

fez parte de grupos fundamentalistas islâmicos filiados à Al-Qaeda, mas, desde a vitória na guerra civil, tem tentado demonstrar moderação, prega que a Síria seja um país inclusivo e recebeu apoio de países ocidentais e da Turquia.

Em julho deste ano, Donald Trump teve uma reunião bilateral com Al-Sharaa durante a cúpula da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) na Turquia, da qual o sírio participou como convidado. Após o encontro, Trump fez elogios ao aliado e afirmou que pediria a retirada da Síria da lista de Estados patrocinadores do terrorismo.

"Ele fez um ótimo trabalho. Talvez ele tivesse mencionado isso. É uma boa pergunta. Sim, há algum problema nisso? Acho que devemos (retirar a Síria da lista). Sim, eu vou (retirar). Ele fez um trabalho realmente fantástico como presidente. Ele unificou o país em um período muito curto. Estamos orgulhosos do trabalho que ele está fazendo", afirmou o presidente Donald Trump, ao descrever Al-Sharaa como uma "pessoa forte" que é "respeitada por todos".